

UPCYCLE: SOBRAS DE DEBRUM VIRAM ACESSÓRIOS DE MODA COM O USO DO CROCHÊ

ANDRADE, Lorena Adrienny Da Silva de
CROVADOR, Sabrina Stefanie
FERREIRA, Isabelli Vitória Grosskopf
LOS, Vivian Andreatta
NECKEL, Camily Regina de Araújo
PIAZERA, Julia de Santana

RESUMO

A presente pesquisa pretende discorrer a respeito do aproveitamento de sobras de debrum. O projeto tem como objetivo geral desenvolver acessórios em crochê com o uso do resíduo tendo em vista à economia criativa, à pró-sustentabilidade, ao lazer e ao bem-estar mental do público envolvido. Foram realizadas entrevistas para o levantamento de dados a respeito da experiência de participar da oficina de crochê e de sua viabilidade para atendimento das hipóteses desta pesquisa. Com os resultados obtidos, foi possível constatar que executar peças de crochê geram lazer e bem-estar, de forma terapêutica, além de poder gerar lucro de forma acessível.

PALAVRAS-CHAVES

Sustentabilidade. Lazer. Debrum. Crochê. *Upcycle*.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a reutilização do debrum descartado por pequenas confecções de costura na cidade de Jaraguá do Sul para a manufatura de peças em crochê. De acordo com a experiência das pesquisadoras e durante conversas para escolha do tema de pesquisa, se fez perceptível a quantidade de resíduos de debrum descartado por algumas facções localizadas na cidade de Jaraguá do Sul. Esse material geralmente vem de sobras ou peças com defeito, e acabam no lixo comum, poluindo o meio ambiente. Ao saber que estes rejeitos são totalmente reutilizáveis, decidiu-se realizar uma pesquisa que responda à seguinte questão: De que forma a reutilização do

debrum têxtil em acessórios de crochê pode ser útil e benéfica para os confeccionadores? Para tal questão levantou-se as seguintes hipóteses: a construção dos acessórios utilizando restos de debrum gera lucro para pessoas de baixa renda; A reutilização destes resíduos em artesanato pode oferecer uma atividade de lazer; O uso de sobras de debrum para confeccionar acessórios de crochê pode ser terapêutico de forma acessível para a população em geral.

E para alcançar tal objetivo, foram necessários seguir alguns procedimentos que são os objetivos específicos: Pesquisar sobre os conceitos: Economia Criativa e Pró-Sustentabilidade, terapia ocupacional e *Upcycle*; Gerar uma alternativa de acessório com a reutilização de debrum, por meio do crochê; Criar padrões de crochê para usar nos acessórios; Realizar oficinas de criação de peças em crochê com as sobras de debrum recolhidas das empresas parceiras; Expor no câmpus do IFSC - Jaraguá do Sul Centro as peças confeccionadas e escolhidas pelo público que fez parte da oficina.

Esta pesquisa se torna relevante, pois trata da questão dos resíduos têxteis e têm o intuito de contribuir para a sustentabilidade. Afinal, a indústria da moda é uma das maiores poluidoras do mercado produtivo, quando se trata de produzir restos têxteis, conforme Müller e Mesquita (2018). Por esse motivo, foi proposto uma alternativa para essas sobras descartadas pelas indústrias, possibilitando às pessoas de conseguirem renda através do comércio, utilizando um material mais acessível e pensando tanto no fornecedor quanto no consumidor deste produto. Bem como houve incentivo à sustentabilidade e à conscientização das pessoas, promovendo oficinas nas quais as pesquisadoras ensinaram a técnica do crochê, viabilizando uma forma de lazer.

2 ECONOMIA CRIATIVA

Ao ponderar sobre Economia Criativa (EC), é comum projetar a ideia de pessoas que trabalham na criação de jogos, publicidade, moda, design, entre outras funções ligadas a serviços. Miguez (2007, 96-97) acrescenta que:

A economia criativa trata dos bens e serviços baseados em textos, símbolos e imagens e refere-se ao conjunto distinto de atividades assentadas na criatividade, no talento ou na habilidade individual, cujos produtos incorporam propriedade intelectual e abarcam do artesanato tradicional às complexas cadeias produtivas das indústrias culturais.

Em outras palavras, a EC é vista como tudo aquilo que vem do talento individual de forma rentável. Isso vai desde produção em pequena escala, como o dado exemplo do artesanato, até produtos industriais em larga escala, como indústrias cinematográficas, ou seja, tudo aquilo que tem como base a criatividade.

Em 2001 ocorreram os primeiros aprofundamentos acadêmicos sobre a área da economia criativa na faculdade de australiana de *Queensland University of Technology*, onde existem duas instituições dedicadas às indústrias criativas: a *Creative Industries Faculty* e o centro de pesquisas *The Institute for Creative Industries and Innovation* e o centro de pesquisas *The Institute for Creative Industries and Innovation*. Esta universidade e centro de pesquisas conseguiram trazer as primeiras pesquisas sobre a área e foi de onde John Howkins escreveu seu primeiro livro sobre a temática em 2001. Howkins (2001) lançou a ideia de que as pessoas podem transformar criatividade em dinheiro.

Miguez (2007) ao se debruçar sobre os estudos de Howkins (2001) acrescenta que: $EC = PC \times T$. Ou seja, a Economia Criativa é igual ao Produto Criativo multiplicado pelas Transações. Segundo a UNESCO (2021), a EC vem somando rapidamente para a economia global com geração de rentabilidade, originando novas vagas de empregos e provendo receita de exportação. A mesma também explica o assunto por meio de um modelo de ecossistema da economia criativa, dividido em cinco partes: criar, fazer, distribuir, trocar e arquivar (Figura 1).

Figura 1 - Modelo de Ecossistema da Economia Criativa



Fonte: UNESCO; Banco Mundial (2021)

É possível observar a prática desse ecossistema, por exemplo, na indústria musical, pois é necessário em sua fase de criação, atividades como composição, gravação e o instrumental. Todas as atividades e subatividades que estão presentes no ciclo são indispensáveis (UNESCO; BANCO MUNDIAL, 2021). “Além disso, essas atividades podem “cruzar” (se cruzar) com outras formas culturais, bem como com outras indústrias, setores e aspectos da economia e da sociedade mais amplas”(UNESCO; BANCO MUNDIAL, 2021. p.33). Outra área relacionada a economia criativa que vem crescendo a cada ano são as indústrias criativas

A indústria criativa vem recebendo atenção de governos, universidades e indústrias no exterior. No Brasil, isso é perceptível nas últimas duas décadas, segundo Howkins (2007) *apud* Pinheiro; Martins; Barth (2015), esse aumento está relacionado ao topo da pirâmide de Maslow e indica uma mudança comportamental dos setores criativos do mercado atual. A pirâmide de Maslow é baseada nas ideias e nos esforços de cada ser humano para alcançar seus objetivos, por esse motivo, a mesma foi denominada hierarquia dos motivos humanos. Essa pirâmide tem 5 níveis: a sua base está relacionada às necessidades fisiológicas; logo após vem as necessidades de segurança; em seguida as sociais; por penúltimo a estima e em seu topo as realizações pessoais (FERNANDES; PEREIRA, [s.d.]).

As indústrias criativas são aquelas indústrias que têm sua origem na criatividade, habilidade e talento individuais e que têm um potencial para geração de empregos e riquezas por meio da geração e exploração da propriedade intelectual. Isto inclui propaganda, arquitetura, o mercado de artes e antiguidades, artesanatos, design, design de moda, filme e vídeo, software de lazer interativo, música, artes cênicas, publicações, software e jogos de computador, televisão e rádio. (MIGUEZ, 2007, p. 102 *apud* BRITISH COUNCIL, 2005, p.5).

As indústrias criativas atualmente estão colaborando numerosamente para as receitas globais, ao gerar anualmente US \$2.250 bilhões de receitas e exportações de mais de US \$250 bilhões. Dessa forma, de acordo com pesquisa da Unesco (2021), cerca de “30 milhões de empregos são gerados, assim, empregando mais pessoas, com idades próximas dos 15 a 29 anos, que qualquer outro setor”.

Mas como isso se relaciona com o crochê e o debrum? Resumindo, a economia criativa é, basicamente, gerar lucro em cima de um produto confeccionado a partir do talento individual de alguém. E as peças de crochê feitas com debrum se encaixam na categoria de produto criativo, e se comercializadas, economia criativa. Pensando no modelo de ecossistema da economia criativa, as autoras consideram que o processo de imaginação, criação mental de uma peça, seria a primeira fase “Criar”; a segunda fase “Fazer” se daria através da elaboração de padrões de crochê e da própria peça; A publicação de fotos na internet, por exemplo, em forma de anúncio seria a terceira fase “Distribuir”; e “Trocar” seria a venda do produto, enquanto "Arquivar" seria a publicação da receita (padrões) de crochê da peça *online*.

3 PRÓ-SUSTENTABILIDADE

Conforme o Relatório Brundtland da Organização das Nações Unidas, (1991, p. 46), “O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades”. Quando se refere às

necessidades dos mais jovens, aborda-se, principalmente, de demandas essenciais das pessoas de baixa renda em todo o mundo. É importante destacar que a tecnologia e a organização social impõe limites que impossibilitam o meio ambiente de cumpri-las.

Para Almeida (2002) e Müller e Mesquita (2018), para ser considerada sustentável, uma empresa tem que procurar em todas as suas decisões, processos e produtos, a ecoeficiência. Sobretudo, para isso, necessita de um planejamento e operação que abrange o curto, médio e longo prazo. Ela deve buscar estabelecer sistemas de produção que geram resíduo zero, ou seja, ou os materiais voltam para a natureza, pois o que é detrito para uma espécie, é alimento para outra, ou são reutilizados na fabricação de um novo produto. O estado ideal, no qual o ciclo de produção é fechado, ainda não foi alcançado, mas deve continuar a ser almejado pelas empresas.

Também torna-se relevante citar que, em média, as empresas socialmente responsáveis são as mais criativas. Além de contarem com o apoio da comunidade, preferência dos consumidores e investidores, o engajamento dos funcionários, além de não acumularem passivos trabalhistas, ambientais, legais e éticos. (BARBIERI; CAJAZEIRA, 2012)

A indústria da moda, segundo Muller e Mesquita (2018), é considerada uma das mais poluentes quando se trata de produzir resíduos têxteis, entre estes, encontra-se o debrum que é frequentemente descartado por pequenas confecções de costura e grandes fábricas de roupas. Sendo assim, as atuais indústrias de moda procuram cada vez mais por alternativas de reutilização e reaproveitamento desses resíduos e a presente pesquisa visa trazer uma possível solução para tal.

4 *UPCYCLE*

Com o passar dos anos, a moda teve um grande crescimento partindo do ponto em que as pessoas compravam seus próprios tecidos e faziam suas roupas em casa. Porém, no momento em que se iniciou a Revolução Industrial (1750-1840), acelerou-se todo o processo de produção, surgindo compras em massa, sem nenhuma consciência ambiental ecológica. Esse aumento de produção gerou um acréscimo significativo no uso de recursos naturais, o que contribuiu para um desequilíbrio ecológico. "A maior parte de todo lixo têxtil gerado, é encaminhado para locais inapropriados, e apenas uma pequena minoria é reciclada, causando perdas nocivas ao meio ambiente e essas reações vem em cadeia para o cotidiano" (GERONIMO, 2019, p. 16).

Para a melhoria do meio ambiente, as empresas precisam entender que a sustentabilidade é uma oportunidade de crescimento, e não apenas uma maneira de encaminhar os próprios resíduos. Sendo a indústria da moda a segunda atividade mais poluidora do século XX, também foi a segunda maior consumidora de recursos naturais. "A visão de que a moda é algo fútil e banal causou amadorismo

no sistema, causando danos ao que é mais precioso, água, solo, ar, e também a vida de muitas pessoas" (CARVALHAL, 2016 p.30 *apud* GERÔNIMO, 2019 p. 12).

Os consumos da indústria da moda têm sido bem altos, como água e energia no processo de produção. Há também a poluição do solo, a poluição de água com os produtos de tingimento e beneficiamento e a poluição do ar com gases causadores do efeito estufa, sendo o setor têxtil um dos maiores responsáveis por impactos ambientais.

Ao refletir sobre moda, imediatamente se vem à cabeça roupas, é uma ligação conveniente, sendo que nos dias de hoje o vestuário é o maior símbolo da moda. A produção de vestuário no século XX, consolidou a indústria têxtil como uma das maiores e mais importantes. A relação entre moda, design e indústria se finda a um processo de produção grandioso, tanto em produtos de moda como atuais padrões de comportamento (BERLIM, 2012, *apud* GERÔNIMO, 2019, p. 21).

É notável que o ideal seria produzir menos e usar somente o necessário, até seu completo declínio, afinal, a reciclagem pode contaminar a ambientação local, sendo a indústria da moda uma das mais prejudiciais ao meio ambiente, "já que não são raras as vezes que para reciclar certo material é necessário à utilização de muito mais aditivos do que para a fabricação do mesmo a partir da matéria virgem" (BUZANELLO, 2018, p. 25). Ou seja, tem se buscado de diferentes maneiras a ampliação da sustentabilidade na moda, entre elas está a *Upcycling*, "a utilização de resíduos como recurso para a construção de novos produtos" (BUZANELLO, 2018, p. 26). O *Upcycling* seria a melhor alternativa para o problema de resíduos têxtil, pois evita a geração deles trazendo novos produtos ao mercado por meio desta técnica.

5 REUTILIZAÇÃO DE RESÍDUOS DE DEBRUM NA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO

Com o passar do tempo, na indústria da moda, a demanda de roupas foi cada vez maior, até passar a alcançar uma demanda crescente de roupas prontas para vestir, o que trouxe o conceito de roupa em massa. Com o aumento dessa grande demanda por peças de vestuário e o estímulo ao mercado com a criação de diferentes tipos de máquinas de costura, as indústrias produtoras também ampliaram a velocidade dos tais equipamentos, que mais adiante na história da moda, ficou conhecido como progresso acelerado.

Segundo a Teles (2019), o setor de corte é o processo sucessor à costura, o qual abrange a modelagem, encaixes, enfiado, corte e etiquetagem. Durante o processo produtivo do setor de corte, a indústria modelística gera diversos desperdícios significativos, sendo o principal, o desperdício da matéria prima do tecido, que no final são peças rejeitadas e retalhos que geralmente são jogados no lixo comum. Corroborando ao exposto Menegucci, Martell, Camargo e Vito (2015, p. 4) "às indústrias

têxteis apresentam-se como grandes geradoras de diferentes resíduos sólidos, dentre os setores em que se podem encontrar a maior sobra de tecidos, destaca-se o de corte das peças, principalmente, quando não há um preparo técnico de encaixe de modelagem”. É importante ressaltar que este tipo de desperdício gera gastos a empresa, que claramente poderia usar os novos métodos tecnológicos de modelagem e corte para alcançar melhorias no setor.

Com vistas a obter um processo de desenvolvimento de produtos de vestuário com menor desperdício da matéria prima, pode-se otimizar os encaixes que, podem ser feitos de duas formas, de acordo com Araújo (1996, p. 09): (I) manualmente, método já considerado ultrapassado conhecido como: Sistema de mini moldes e pantógrafos, ou (II) método computadorizado, que consiste em um modelo recente, eletrônico, que pode envolver automatização e tecnologias inovadoras, método mais recente. Muitas empresas, depois de adotarem o sistema computadorizado para encaixes, perceberam que muitos erros humanos cometidos em métodos manuais diminuíram conseqüentemente.

Para evitar parte dos gastos para as empresas, pode-se aderir duas formas para se fabricar as peças, sendo elas: fabricação por encomenda é a forma comercialmente mais segura pois garante que a fábrica só irá cortar e produzir o que já foi pedido. Mas a fabricação por estocagem é feita com uma base de vendas, ou seja, o histórico de vendas da empresa, uma estimativa baseada na economia, que pode acabar gerando desperdícios desnecessários (SILVA, 2018 *apud* FRINGS, 2012).

Segundo o estudo de Teles (1996 p.37), as causas do desperdício durante os processos de encaixe e corte são:

1- Largura incompatível: quando a largura de diferentes rolos de um mesmo tecido se diferem. Podem ser descartados ambos caso o rolos sejam usados em um mesmo enfiesto, podendo dar diferenças nas peças.

2 - Peça piloto: a peça piloto serve de base para que o lote seja feio de forma parecida a mesma, pois o consumo do tecido da peça piloto pode não ser o mesmo do consumo da peça. Podendo ocasionar em gastos maiores de tecido no determinado lote.

3 - Cálculo do viés errado: pode gerar desperdício de tecido, caso a quantidade de viés seja maior, sobra tecido em quantidades desnecessárias. Peças com listras: com a peça precisa bater as listras, ou seja o corte dessas peças fica limitado, ocasionando em um consumo maior de tecido por peça. Sobras de rolos com pouca quantidade de tecido: leva a ter maior quantidade de retalhos, ou seja, pedaços de tecido que não podem ser aproveitados.

4 - Manchas: o tecido vem do fornecedor com manchas, podendo ser mal cuidado , mal armazenamento do rolo, impossibilitando de ser usado. Tecido com furos: tecidos furados

impossibilitam a venda da peça. Diferença de tonalidade, rolos do mesmo tecido com tons diferentes, não pode-se aproveitar rolos com tonalidades diferentes para uma mesma peça.

5- Emendas: rolos de tecidos com emenda de tecido no meio, essa parte não pode ser utilizada no processo de corte.

Este material que usualmente é descartado por conta dos defeitos, pode facilmente ser reutilizado, como sugerido pelo *upcycling*, ao ser transformado em peças de crochê, visando a sustentabilidade e até mesmo, a geração de lucro pela economia criativa.

6 CROCHÊ COMO FORMA DE LAZER E TERAPIA OCUPACIONAL

Lazer é, por definição, o tempo livre de um indivíduo que se tem após o trabalho, escola, e/ou o cumprimento de suas obrigações, tempo esse, que geralmente é utilizado para a prática de passatempos e outros. Já a terapia ocupacional, é definida pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO,[s.d]) como:

Profissão nível superior voltada aos estudos, à prevenção e ao tratamento de indivíduos portadores de alterações cognitivas, afetivas, perceptivas e psico-motoras, decorrentes ou não de distúrbios genéticos, traumáticos e/ou de doenças adquiridas, através da sistematização e utilização da atividade humana como base de desenvolvimento de projetos terapêuticos específicos, na atenção básica, média complexidade e alta complexidade.

Há um estudo realizado por Scardoelli e Waidman (2011), com um grupo de artesanato que realizou semanalmente uma variedade de atividades manuais, dentre as quais se encontrava o crochê. As participantes desse grupo, mulheres de 28 a 74 anos, afirmaram que a realização dessa atividade lhes proporciona um momento de cuidado com sua própria saúde mental. Também afirmam terem sensações de relaxamento, distração, divertimento e um estado de felicidade, além de uma atenuação das preocupações do cotidiano, o que as instiga cada vez mais a ir aos encontros e praticar os trabalhos manuais.

Outra pesquisa, feita no município de Carapicuíba no estado de São Paulo com usuários dos Serviços de Saúde Mental (2018), demonstrou que a Arte-Cultura, a qual se inclui o artesanato e o crochê, no procedimento de reabilitação psicossocial ocasiona em bem-estar, energia, independência e autonomia. Baseando-se nesses estudos os participantes da presente pesquisa buscam oferecer oficinas de crochê, com vistas a proporcionar aos alunos, servidores e comunidade externa do IFSC, momentos de lazer e experiências de bem estar por meio da construção de peças em crochê utilizando restos de debruns.

7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta pesquisa de caráter qualitativa, aplicada e exploratória, iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica acerca do tema. Sendo possível a realização de revisões e aprimoramentos dos objetivos, além de alcançar um conhecimento muito mais aprofundado para a parte prática da pesquisa.

Conforme as propostas deste trabalho, foi elaborada uma oficina com o objetivo de divulgar a técnica do crochê com debrum, mostrar uma alternativa de se reutilizar o material e obter dados para o atual trabalho. O método utilizado foi qualitativo onde, segundo Nunes, Assunção, Mussi L. e Mussi R. (2019, p. 1) "assume-se um universo de sentidos, significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes focado nas relações, nos processos e nos fenômenos". Ou seja, para entender as motivações das pessoas em participar da pesquisa, seus anseios e processo de aprendizagem, as autoras elaboraram oficinas de crochê para ensinar pessoas a realizar um cachepô de crochê.

A fim de melhor organizar e evitar ao máximo os imprevistos, foi acordado entre as pesquisadoras sobre a realização, primeiramente, de uma oficina-teste. Esta foi divulgada para as turmas do curso Superior de Tecnologia em Design de Moda do IFSC - Câmpus Jaraguá do Sul - centro, pela nossa orientadora. Assim sendo, duas alunas se candidataram à prática e no 3/nov/2022, realizada no período matutino, uma oficina-piloto.

Desta forma, a oficina oficial foi divulgada entre os alunos matriculados nos cursos Técnicos de Química e Modelagem do Vestuário do período vespertino, sendo abertas 10 vagas, e aconteceu no dia 10/nov/2022 no câmpus do IFSC de Jaraguá do Sul - Centro. Foi iniciada às 8h da manhã e teve a duração de aproximadamente 4h, contando com a participação de 6 alunos, além das 4 instrutoras integrantes autoras dessa pesquisa. Os materiais utilizados para realizar a oficina foram:

- 14 rolos de debrum de espessuras variadas;
- 14 agulhas de crochê (13 unidades tam. 7.0 e 1 unidade tam. 6.0).

Ao final da oficina, foi realizada com cada integrante de forma individual uma entrevista com o objetivo de comprovar ou descartar as hipóteses presentes no **item 4** deste artigo e para isso foi utilizado um guia de perguntas previamente elaborado que pode ser encontrado nos anexos, além do auxílio de um gravador de voz nos celulares das pesquisadoras. A escolha desta técnica para coletar informações, deu-se pela sua eficiência em recolher dados aprofundados no que diz respeito ao comportamento humano, além de oferecer maior flexibilidade, possibilitando ao entrevistador explicar as perguntas em caso de dúvida e adequar-se às circunstâncias nas quais a entrevista acontece (GIL, 2008).

Além disso, para testar a primeira hipótese, as autoras, consideradas de baixa renda, realizaram uma venda de produtos variados confeccionados a partir do debrum, como corações, porta-copos, cachepot, entre outros. Estes foram expostos em um perfil do Instagram, criado para divulgar e comercializar os produtos.

8 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a finalidade de confirmar as hipóteses: "O uso de sobras de debrum para confeccionar acessórios de crochê pode ser terapêutico de forma acessível para a população em geral" e "A reutilização de resíduos pode oferecer uma atividade de lazer", foi observada a necessidade de aplicar entrevistas com os participantes da oficina. Na primeira coluna do **Quadro 1** estão as perguntas, e na segunda as respostas separadas por entrevistado.

Quadro 1: Perguntas e respostas da entrevista

<p>1) Agora que você aprendeu a técnica do crochê com debrum, você estaria disposto a comprar e vender o cachepot produzido?</p>	<p>Entrevistado 1: Sim, eu tive bastante facilidade em aprender então facilmente eu conseguiria fazer pra vender.</p> <p>Entrevistado 2: Sim.</p> <p>Entrevistado 3: Eu, primeiro, tentaria fazer mais para ir cada vez mais, ir melhorando e, daqui a um tempo, se o trabalho ficar bom, eu venderia.</p> <p>Entrevistado 4: Sim, acho que é muito interessante.</p> <p>Entrevistado 5: Venderia, acho que seria vendável.</p> <p>Entrevistado 6: Eu venderia, se eu tivesse mais experiência eu faria para vender.</p>
<p>2) Como você se sentiu ao confeccionar as peças? Se possível justifique sua resposta.</p>	<p>Entrevistado 1: Me senti bastante relaxada. Eu consegui fazer bem tranquila, então eu não me estressei.</p> <p>Entrevistado 2: No começo eu me estressei bastante, porque estava tendo dificuldade naquele “nózinho” do começo [anel mágico], mas depois foi tranquilo e eu achei relaxante. Na verdade, acho que encontrei</p>

	<p>um novo hobbie, eu gostei realmente disso.</p> <p>Entrevistado 3: Bem confusa no começo, mas depois quando peguei a prática, ficou um pouco melhor.</p> <p>Entrevistado 4: No começo eu me senti estressada porque deu errado, mas depois acho que se tornou tranquilizante, me trouxe sensação de paz.</p> <p>Entrevistado 5: No começo foi... como posso dizer? Meio frustrante, mas com o passar do tempo, depois de mais ou menos meia hora... uma hora, eu já estava bem tranquilo.</p> <p>Entrevistado 6: No começo foi bem difícil, mas depois que eu peguei o jeito tudo correu bem.</p>
<p>3) Pensando na técnica de crochê com debrum, e visando a geração de lucro, que outras peças você acha que seria possível confeccionar e que seriam atraentes ao público consumidor?</p>	<p>Entrevistado 1: Eu acho que bolsa seria uma coisa muito viável, tanto que já tem bastante pessoas que fazem para vender, e eu acho que ficaria bem bonito, bem atraente.</p> <p>Entrevistado 2: Acho que bolsas grandes, algum chapéu em formato de polvo, acho que ia ficar legal, e de cogumelo.</p> <p>Entrevistado 3: A minha mãe é costureira, “daí” eu falei para ela que ia vir quinta [dia da oficina] aprender a fazer essas coisas [crochê], aí ela falou que dava para fazer bolsas também. Achei bem interessante.</p> <p>Entrevistado 4: Não sei, acho que tapetes.</p> <p>Entrevistado 5: Tapete. Dá pra fazer balaclava. Acho que são apenas essas mesmo, porque é um tecido pesado.</p> <p>Entrevistado 6: Tapete, bolsa, aqueles <i>sousplat</i> de prato também seria interessante.</p>

<p>4) Você trabalha ou conhece alguém que trabalhe com costura em alguma empresa ou confecção de pequeno, médio ou grande porte na qual exista o desperdício de debrum? Se sim, você teria interesse em adquirir esse material para continuar praticando o crochê?</p>	<p>Entrevistado 1: Não, mas se eu conhecesse eu ia gostar de pegar os debruns para fazer crochê.</p> <p>Entrevistado 2: Não, mas se eu conhecesse eu ia gostar de tê-los pra mim.</p> <p>Entrevistado 3: Sim, a minha mãe, a minha tia, praticamente a minha família inteira trabalha com essas coisas.</p> <p>Entrevistado 4: Que eu saiba, não conheço nenhuma empresa.</p> <p>Entrevistado 5: Não conheço</p> <p>Entrevistado 6: Não conheço ninguém.</p>
<p>5) O material que utilizamos iria ser jogado no lixo, mas encontramos uma maneira de reciclá-lo e transformá-lo em um acessório. É possível afirmar que sua visão de sustentabilidade mudou após a oficina?</p>	<p>Entrevistado 1: Sim, mudou com certeza. A gente pode reutilizar materiais que iriam pro lixo para gerar coisas pra nós ou até vender e gerar lucro.</p> <p>Entrevistado 2: Acho que foi bom, porque eu achei que os restos de tecido do recorte que fazem nas fábricas tinha que ser jogado fora, então encontrar uma utilidade é bom. Ainda mais que o tecido acaba afetando muito a sustentabilidade nos dias de hoje.</p> <p>Entrevistado 3: Sim, porque a gente pode reaproveitar esses materiais que seriam jogados fora.</p> <p>Entrevistado 4: Talvez... Sim, com certeza.</p> <p>Entrevistado 5: Acho que sim porque esse material [debrum] que vai pro lixo, daria pra reciclar e fazer muitas outras coisas. Terceirizar esse trabalho.</p> <p>Entrevistado 6: Com certeza, eu achei muito interessante porque tem</p>

	<p>muitas empresas têxteis de Jaraguá que desperdiçam isso, e foi uma iniciativa muito boa fazer isso, e eu acho que mais pessoas deveriam adquirir.</p>
--	--

Fonte: Arquivo dos autores

Abaixo estão perguntas feitas pelas moderadoras com base nas questões acima, contudo adaptadas devido às circunstâncias de cada entrevista.

Quadro 2: Perguntas e respostas intermediárias da entrevista

1.1) E você faria de novo?	Entrevistado 4: Sim, faria de novo com certeza
3.1) E que peças você acha que gostaria de fazer com debrum?	Entrevistado 3: Tem aquelas bolsinhas, sabe? Com debrum; tem também para colocar panela em cima [<i>sousplat</i>], acho legal.
3.2) Tem alguma coisa que você gostaria de fazer, que teria interesse em aprender?	Entrevistado 6: Acho que o <i>sousplat</i> , eu acho muito bonito. A gente vê para comprar, e ao menos pra mim, chama muita atenção, trilha de mesa também.
4.1) Mas eles tem essa sobra de debrum?	Entrevistado 3: Sim, bastante
4.2) E você gostaria de pegar esse material para continuar fazendo crochê?	Entrevistado 3: Sim.
4.3) Mas se você tivesse a chance de conseguir esses materiais para continuar praticando o crochê, você faria?	Entrevistado 4: Com certeza. Entrevistado 5: Faria. Eu praticaria como hobbie.

Fontes: Arquivo dos autores

Mediante as aplicações, realizadas com 6 participantes da oficina, foi feita uma análise com os dados com base nas hipóteses elaboradas. A seguir as informações mais relevantes.

Na primeira pergunta da entrevista, onde questionou-se se os entrevistados produziram e venderiam o cachepot ensinado, todas as respostas foram afirmativas. Segundo Barbieri e Cajazeira (2012), empresas socialmente responsáveis tendem ter a predileção dos consumidores e investidores, além de serem as mais criativas e possuírem o suporte da comunidade.

Quando questionados sobre as sensações ao produzir a peça, 83,3% dos alunos relataram frustração, estresse e confusão no início, mas após progredirem, afirmaram se sentirem mais relaxados. Desta forma, é relevante lembrar que Gonçalves (2018, p.9) afirma:

Os elementos de arte-cultura utilizados como instrumento terapêutico na reabilitação psicossocial, proporcionam o bem estar, autonomia e independência, energia para realização das atividades da vida diária, satisfação pessoal, felicidade e podem indicar um efeito positivo na avaliação da qualidade de vida.

Com relação à terceira questão, segundo British (2005, p.5) *apud* Miguez (2007), "as indústrias criativas são aquelas indústrias que têm sua origem na criatividade, habilidade e talento individuais e que têm um potencial para geração de empregos e riquezas por meio da geração e exploração da propriedade intelectual". Tendo isso em mente foi indagado aos entrevistados suas possíveis ideias sobre outras peças para serem executadas com o debrum, além do cachepot, foi apontado principalmente bolsas, mas entre outras respostas foi sugerido tapete, *sousplat*, chapéu de polvo e cogumelo e uma balaclava.

A quarta pergunta indagava se os discentes trabalhavam ou conheciam alguém que trabalha em alguma empresa ou confecção onde ocorre o desperdício de debrum, e caso afirmasse que sim, se teriam interesse em continuar praticando crochê com o material. Com exceção de um, que afirmou que continuaria praticando, todos disseram que não trabalhavam ou conheciam alguém que o fizesse, mas foi unânime que se conhecessem e tivessem acesso ao material, seguiriam praticando. Segundo Menegucci (2015, p. 4) "todo material derivado de sobra e resto de uma produção, que não possui mais utilidade após determinado processo e que, geralmente são descartados e tratados como indesejáveis por muitas empresas, denomina-se resíduo".

A última pergunta era sobre se os alunos tiveram sua visão de sustentabilidade modificada após a oficina, afinal, todo o debrum utilizado veio de doação e iria ser descartado, mas ao invés disso foi fabricado um utensílio. A resposta foi unanimemente sim, ou seja, 100% dos entrevistados afirmaram que tiveram sua visão modificada quanto à sustentabilidade.

Quanto à hipótese: "A construção dos acessórios utilizando restos de debrum gera lucro para pessoas de baixa renda", foi possível sua comprovação após a venda de 16 produtos, obtendo-se um lucro de R\$120. Importante destacar, que os únicos gastos iniciais foram com relação às agulhas de crochê, cujo valor foi de R\$21, ao todo o ¹lucro líquido foi de R\$99.

¹ Segundo o IBGEM (2022), define-se como a quantidade de dinheiro investido subtraído pelo valor faturado.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos por meio das atividades citadas anteriormente, procederam na comprovação das hipóteses: "A reutilização de resíduos pode oferecer uma atividade de lazer" e "O uso de sobras de debrum para confeccionar acessórios de crochê pode ser terapêutico de forma acessível para a população em geral". Por meio das respostas à entrevista, e da comercialização de peças de crochê feitas com sobras de debrum, realizadas pelas pesquisadoras, comprovou-se a terceira hipótese: "a construção dos acessórios utilizando restos de debrum gera lucro para pessoas de baixa renda", os apuramentos de todas essas ações foram discutidas neste artigo. Legitimou-se, com base nas pesquisas efetuadas, que o *upcycle* se torna uma alternativa viável para criar produtos comercializáveis e o debrum é um destes resíduos com potencial de reutilização em busca de alternativas pró-sustentáveis.

O objetivo geral deste estudo foi desenvolver peças, visando à economia criativa, à pró-sustentabilidade, ao lazer e ao bem-estar mental do público envolvido. Constata-se que esse objetivo foi atendido, tendo em vista as respostas dos entrevistados, obtidas por meio das oficinas realizadas, que comprovaram a eficácia do *upcycle*.

Além de efetuar uma exposição com os cachepôs produzidos na oficina, em um mural no campus IFSC Jaraguá do Sul - Centro. Esta pesquisa também foi apresentada em um seminário, a fim de obter validação científica do trabalho junto a comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando. **O Bom Negócio da Sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. Disponível em:
<http://www.fernandoalmeida.com.br/livros/livro-fernando-almeida-sustentabilidade.pdf>

ALVES, Andressa Schneider. **DESIGN DO VESTUÁRIO: PROTÓTIPO FUNCIONAL PARA O ENCAIXE DE MOLDES NO TECIDO**. Dissertação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Engenharia e Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Design. Porto Alegre, BR-RS, 2010.

ARAÚJO, M. **Tecnologia do Vestuário**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

BARBIERI, José Carlos; CAJAZEIRA, Jorge. **Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática**. Saraiva Educação SA, 2012.

BRUNDTLAND, Gro Harlem. Relatório Brundtland. **Our Common Future: United Nations**, 1987. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4245128/mod_resource/content/3/Nosso%20Futuro%20Comum.pdf. Acesso em: 04 jun 2022

BUZANELLO; Laura Amboni. **O UPCYCLING APLICADO AO DESENVOLVIMENTO DE UMA MINI COLEÇÃO DE BOLSAS**. Florianópolis. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187528/PCC_Laura_Buzanello.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 09 jun 2022.

COFFITO. **Definição**. 2022. Disponível em: https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=3382. Acesso em: 4 jul 2022

FERNANDES, Jair José Moreira; PEREIRA, Francisco Wendell Fontenele. **A PIRÂMIDE DE MASLOW EM PLENO SÉCULO XXI**. [s.n.]. Disponível em: https://adm-portal.appspot.com/storage.googleapis.com/_assets/modules/academicos/academico_7118.pdf. Acesso em: 02 jul 2022.

GERÔNIMO, Fernanda. **Reciclagem de resíduos têxteis: uma proposta para empresa Zoe Jeans**. Criciúma; 2019.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, 2008.

GONÇALVES, Vera Freire. **Arte-Cultura na Qualidade de Vida dos usuários dos serviços de Saúde Mental do Município de Carapicuíba-SP** [Dissertação de Mestrado]. Programa de Mestrado Profissional em Saúde Coletiva da CRH/ SES- SP. São Paulo: Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo; 2018.

HOWKINS, J. The creative economy: how people make money from ideas. London: Penguin Press, 2001.

IBGEM. **Lucro: entenda o Conceito**. 2022. Disponível em: <https://ibgem.com.br/2022/11/30/lucro-entenda-o-conceito/#:~:texto=De%20forma%20resumida%2C%20lucro%20se,que%20vem%20%E2%80%9Ca%20mais%E2%80%9D>. Acesso em: 05 junho 2023.

MENEGUCCI, Franciele, MARTEL, Leticia, CAMARGO, Maristela, VITO, Meriele. **Resíduos têxteis: Análise sobre descarte e reaproveitamento nas indústrias de confecção**. [s.l.]. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Leticia-N-Marteli/publication/318930023_Residuos_texteis_Analise_sobre_descarte_e_reaproveitamento_nas_industrias_de_confeccao/links/598628010f7e9b6c853492b4/Residuos-texteis-Analise-sobre-descarte-e-reaproveitamento-nas-industrias-de-confeccao.pdf> Acesso em: 24 set 2022.

MIGUEZ, Paulo. Economia criativa: uma discussão preliminar. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (org.). **Teorias & políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: Edufba, 2007. Cap. 5. p. 95-113. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/37636608/Teorias_e_politicas_da_cultura-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1656418421&Signature=EMTa3XMehjcr2Yj7nJvGHNwKPZobnSd85tlhRbLakznf09vUBPKjRNFUm3X65v3Aofrgnzm6U85k-usOmPOv2iaB~DWVELUGe1T8zd94T-ljMfy43SIr9LYW9rdxpgRQbiXrufD~R3qX1BVR4N-fV2hymRc8lqoNBAYz2dMrDq6oWmLL5Wq7ET3cHS

vmHwMMf9epXYUGcrXR5qEwJjzbhA3kVFFeUNT6zNIS2~-GNfLJCzw-HBLmu1KCIyKI0ACf6O~bwDRCuXUoqO9QCT1RHrUIcT1e6aoKCbOEgBiRgkrr~x7N4PsAlxo10I573CYawOPqzZH7V8sn8~UFnf-A__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=95. Acesso em: 28 jun. 2022.

MÜLLER, Madeleine; MESQUITA, Francisco. **Admirável moda sustentável, vestindo um mundo novo**. Fernando Pessoa: Adverte, 2018.

NUNES, C. P.; ASSUNÇÃO, E. T. C; MUSSI, L. M. P. T.; MUSSI, F. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**. v. 7, n. 2, p. 414-430, 2019. Disponível em:
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/41193/32038>
Acesso em: 3 jul. 2022.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira; MARTINS, Francisco Eduardo Menezes; BARTH, Mauricio. Criatividade, processo e economia criativa: conceitos, discussões, apontamentos. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 31, p. 131-143, 2015. Disponível em:
https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/download/2859/1758/10785. Acesso em: 08 jun 2022

SCARDOELLI, Márcia Glaciela da Cruz; WAIDMAN, Maria Angélica Pagliarini. "Grupo" de artesanato: espaço favorável à promoção da saúde mental. **Escola Anna Nery [online]**. 2011, v. 15, n. 2 , pp. 291-299. Acesso 4 Jul 2022. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S1414-81452011000200011>.

SILVA Maria Luciana dos Santos. **A Gestão da coleção: uma solução para o desperdício de matérias-primas na indústria de confecção?** Pernambuco, Caruara. Disponível em:
,<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/45942/1/SILVA%2c%20Maria%20Luciana%20dos%20Santos.pdf>> Acesso em: 24 set. 2022.

TELES; Rafaela Rodrigues. **Análise de desperdício de matéria-prima no setor de corte em uma Indústria de Confecção: estudo de caso**. Maringá, Paraná. Disponível em:
http://www.dep.uem.br/gdct/index.php/dep_tcc/article/view/78/24> Acesso em: 09. jun 2022.

UNESCO; Banco Mundial. **Cities, Culture, Creativity: leveraging culture and creativity for sustainable urban development and inclusive growth**. Paris: Unesco, 2021. 112 p. Disponível em:
https://unesdoc.unesco.org/in/documentViewer.xhtml?v=2.1.196&id=p::usmarcdef_0000377427&file=/in/rest/annotationSVC/DownloadWatermarkedAttachment/attach_import_c36ecb18-9de5-4eab-8636-e3111f149917%3F_%3D377427eng.pdf&updateUrl=updateUrl3880&ark=/ark:/48223/pf0000377427/PDF/377427eng.pdf.multi&fullScreen=true&locale=en#%5B%7B%22num%22%3A18%2C%22gen%22%3A0%7D%2C%7B%22name%22%3A%22XYZ%22%7D%2C0%2C792%2Cnull%5D. Acesso em: 28 jun. 2022.

UNESCO. **UNESCO e Banco Mundial lançam marco de ação para recuperação, desenvolvimento e crescimento econômico das cidades criativas**. 2021. Disponível em:
<https://www.unesco.org/pt/articles/unesco-e-banco-mundial-lancam-marco-de-acao-para-recuperacao-o-desenvolvimento-e-crescimento>. Acesso em: 02 jul. 2022.